

FOOTLIGHT PARADE/ 1933

Mil Apoteoses

Um filme de Lloyd Bacon e Busby Berkeley

Realização: Lloyd Bacon e Busby Berkeley/ Argumento: Manuel Seff, James Seymour, segundo uma história de Robert Lord e Peter Milne/ Fotografia: George Barnes/ Direção Artística: Anton Grot e Jack Okey/ Montagem: George Amy/ Figurinos: Milo Anderson / Música: Gus Kahn, Walter Donaldson/ Números musicais criados e dirigidos por: Busby Berkeley/ Intérpretes: James Cagney (Chester kent), Joan Blondell (Nan Prescott), Ruby Keeler (Bea Thorn), Dick Powell (Scotty Blair), Frank McHugh (Francis), Guy Kibbee (Sy Gould), Ruth Donnelly (Mrs. Harriett Gould), Hugh Herbert (Bowers), Claire Dodd (Vivian Rich), Gordon Wescott (Thompson), Arthur Hohl (Frazer), Renee Whitney (Cynthia Kent), etc.

Produção: Warner Bros/ Cópia: DCP, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ Duração: 102 minutos/ Estreia Mundial: New York, em 30 de setembro de 1933/ Estreia em Portugal: Tivoli, em 2 de novembro de 1936.

*“I’ve covered every little highway
And I’ve been climbing every hill,
I’ve been looking high,
I’ve been looking low,
Looking for my Shangai Lil”*

Footlight Parade é o terceiro filme da série de fabulosos musicais que a Warner produziu na década de 30, apoiando-se nas geniais coreografias de Busby Berkeley. Forma com os anteriores, **42d Street** e **Gold Diggers of 1933** (todos realizados nesse ano de ouro de 1933) a trilogia definitiva da arte de Berkeley na Warner Bros. Para muitos (entre os que me incluo), **Footlight Parade** é a cereja em cima do bolo, contendo aquele que é o mais sensacional dos seus números musicais: “By a Waterfall”. Se pessoalmente prefiro “Shadow Waltz” das **Gold Diggers of 1933** e “Broadway Melody” que Berkeley encenará a seguir para **Gold Diggers of 1935**, é fora de dúvida que é aquele número que melhor exemplifica a arte do coreógrafo.

Mas se **Footlight Parade** se impõe sobre todos os outros filmes em que Berkeley participou na década de 30 é também por outros motivos que não apenas os musicais. Por um lado pelo seu próprio argumento que, como o primeiro filme da série, **42d Street**, se centra à volta de um encenador que procura pôr de pé um espetáculo, enfrentando toda uma série de contrariedades pessoais e profissionais. São os dois únicos filmes que têm um argumento sólido, que não é mero pretexto narrativo para incluir números musicais. Mas **Footlight Parade** conta ainda com outro trunfo, e que é a presença de James Cagney que instila no filme a energia e o ritmo que fizera dele, em poucos anos e filmes, uma das vedetas mais apreciadas pelo público. Com a curiosidade de o apresentar de uma forma “nunca vista” no cinema, onde se impusera com os seus papéis de “duros” e “gangsters”, sem nunca poder tirar proveito das suas origens teatrais no “vaudeville”, principalmente como bailarino. Se durante quase todo o filme, como Chester Kent, o encenador,

Cagney apresenta a sua imagem clássica de duro e cínico, os últimos 15 minutos operam uma mudança radical. Sendo empurrado acidentalmente pelo intérprete embriagado para o palco, Chester assume, imediatamente, o papel do outro (que sabia na perfeição) e inicia a sua busca de “Shanghai Lil” (o fabuloso número de encerramento do filme). Habilmente Berkeley, num método que lembra o começo do filme com a marca de Lloyd Bacon (os enquadramentos dos pés e pernas das personagens, antes de as apresentar de corpo inteiro), só “revela” quem está a interpretar a personagem, James Cagney, quando esta já está ao balcão do bar discutindo com um marinheiro, alimentando assim, ao tempo, a curiosidade do espectador. Como curiosidade refira-se que neste número musical, durante a cena de pancadaria, surge um plano em que se vê um jovem marinheiro levantando a cabeça por detrás de uma mesa e que costuma ser identificado como John Garfield na sua estreia no cinema, embora tal identificação não seja categórica.

Mais ainda do que os filmes anteriores, **Footlight Parade** é uma espécie de retrato da época da Depressão, tendo sobre os anteriores um olhar que é tanto crítico como “cinéfilo” sobre a sétima arte, e as suas relações com o teatro, em especial o musical. O argumento dá logo uma ideia clara dessa relação: Chester Dent é um encenador de musicais que se vê sem trabalho devido à aparição do cinema sonoro. Resolve então pôr em prática uma ideia: a de criar “prólogos musicais” (espectáculos ao vivo) às estreias cinematográficas (a ideia tem bases reais, por a fórmula foi explorada vários anos por alguns empresários, a que a figura de Dent vai buscar alguns traços). Tudo vai decorrer, a seguir, com a luta de Dent para levar a cabo o projecto, contra as chicanas dos seus empresários e as rivalidades de outros do mesmo meio. O lado “cinéfilo” (*avant la lettre*) revela-se nalguns curiosos pormenores, de que o mais evidente é a sessão de cinema a que Dent assiste ao começo, com as imagens no ecrã de **The Telegraph Trail**, com John Wayne e... Frank McHugh (que é um dos intérpretes de **Footlight Parade**). Menos “vísivel” hoje em dia é uma cena de Cagney com Joan Blondel à mesa, tomando o pequeno-almoço. O plano é exactamente igual, e nem falta a meia toranja à frente de Cagney, a um que vemos em **The Public Enemy**, em que Cagney esmaga o fruto na cara da companheira, cena que ficou famosa e que justifica a “piscadela de olho” de Lloyd Bacon (responsável por todas as cenas não musicais, a que incutiu o seu habitual ritmo e nervo). Hoje em dia o filme apresenta ainda outra curiosidade, e que tem a ver com o “código de censura”. É talvez um dos últimos filmes americanos (se não o último) em que vemos um casal na mesma cama (a partir de 1934 isso seria um dos “don’ts” (cenas que não se deviam mostrar) do código). No que se refere à censura, **Footlight Parade** é ainda extremamente provocante na sequência de “By a Waterfall”, possivelmente a mais erótica que Berkeley encenou.

Mas o filme é, acima de tudo, os três deslumbrantes números criados por Berkeley, que ocupam a última meia hora, e que se apresentam num verdadeiro “crescendo”. Tudo começa com “Honeymoon Hotel” que, com a sua carga erótica, também deve ter provocado engulhos ao “código” (ao apelo de “Mr. Smith” acorrem quase todos os “noivos” no hall do hotel!), onde Berkeley aproveita de novo Billy Barty o “bébé” libidinoso que já usara em **Gold Diggers of 1933**). Mas o erotismo de “Honeymoon Hotel” não é nada comparado com o do número seguinte, “By a Waterfall” com o seu friso de “ninfas” em poses langorosas ou cruzando as águas em delirantes construções geométricas. Berkeley havia de se lembrar deste seu trabalho e levá-lo a alturas inultrapassáveis, na década seguinte, na MGM onde deu vida às coreografias aquáticas com Esther Williams. Os filmes da “sereia de Hollywood” nasceram todos deste número genial.

Com nasceram também, de “Shanghai Lil” os números patrióticos em que Judy Garland e Mickey Rooney se envolveram na MGM sob a batuta de Berkeley em filmes como **Babes in Arms/De Braço Dado** e **Strike Up the Band/O Rei da Alegria**, com os desfiles dos marinheiros que vão formando as imagens de Roosevelt e da águia americana feita símbolo do “New Deal”.

Manuel Cintra Ferreira